



**LUÍS PAULO COSTA**  
**É SOBRE UMA COISA**

OPENING 21 MAY . 10PM

22 MAY . 24 JUN

## On Painting as Exercise

*"A picture is finished when all traces of the means used to bring about the end have disappeared"*

Within the scope of the familiar relationship we have with Luís Paulo Costa's work, we are tempted to start by thinking about the possibility for, and the degree of surprise that a certain number of artworks can still effect on us when displayed in different ways or in different spaces. In our opinion, this unexpected and unsuspected condition is mainly produced by two factors: on the one hand, by our openness (with more or less curiosity) to the artistic object, and, on the other hand, the invariably deceiving and discrete way it is presented to us. We are talking about paintings, even when their material support makes them seem objects of a different nature – the objects whose formal configuration differs from the common canvas mounted on an orthogonal wooden frame, for example, or the situation in which the artist uses other media (such as video projection or installation). Even in these cases, we are still talking about paintings.

Luís Paulo Costa's working process starts with a research in the field of image – literally, both in the traditional universes and in the more contemporary fields of image production and diffusion – in a moment when its relationship with the real is, in a way, still intrinsic and original.

He searches for, produces and finds photographic and graphic images with visual characteristics that have the potential to trigger a reflection within the process of producing his paintings. He gives no attention to themes and

<sup>1</sup> REINHARDT, AD in "Twelve Rules for a New Academy" published in ARTNews in 1957, and based on a document written and read by the artist at the 45th College Art Association annual meeting, Detroit Institute of Art, in January 26, 1957.

topics, he is not interested in aesthetical values or in the precision of his compositions, he is not interested in the social, cultural, political, or economic contexts that may have originated them, and he is not even interested in the quality or sharpness of any particular *prise de vue*. His true interests lie (shall we say) in the plastic characteristics of the image that he uses to create paintings whose completion poses a challenge for the artist in what regards the practice of painting. Luís Paulo Costa is engaged in the pursuit of potential questions concerning the pictorial, and tries to find the best solution for them (as if they were mathematical exercises) within the boundaries of the practice of painting. In order to achieve this, and in the process of producing, creating, and developing each painting, the artists uses a series of procedures that include the manipulation of the original image (subtracting and changing qualities such as color, composition, and format) and, in a second phase, the peculiar and surprising way he paints, repainting each detail of the image previously printed on the canvas with small (or slightly larger) brushstrokes of paint that, in their proximity, aim for a total verisimilitude with the matrix that originates them. A process of simultaneous revelation and elision, of construction and deletion, very difficult to extricate but whose existence is almost magically allowed to be both simultaneous and present.

The proficiency of this time-consuming activity is breathtaking. Its effect on the spectators is proportional to the time they let their gaze rest on the paintings' surfaces.

*É sobre uma coisa* (It is about/on/over/on top of one thing), the title the artist chose for this exhibition, could well be *Pintado por cima*<sup>2</sup> (Painted over), as the both actions are (at least physically) synonymous.

However, in this case (and we dare say always), the thing that it is about goes beyond matter, it goes beyond the object it is painted over and points toward Painting as a discipline, toward the verb that derives from the substantive – as if to paint was enough to justify the *raison d'être*, and the existence, in the world, of all paintings.

Ana Anacleto

**LUÍS PAULO COSTA** Abrantes, Portugal, 1968. Lives and works in Portugal. His work is represented in several reknown national and internacional, among them: António Albertino Collection (Portugal); Bruno Spaas Collection (Belgium); Fred and Nancy Poses Collection, (USA); Leal Rios Foundation (Portugal); Norlinda e José Lima Collection (Portugal); PLMJ (Portugal); Serralves Museum (Portugal); Teixeira de Freitas Collection (Portugal). Exhibitions (selection): EDP Foundation (Portugal); Museu da Cidade (Portugal); National Museum of Natural History (Portugal); Serralves Museum (Portugal).

<sup>2</sup> The title of the artist's previous exhibition at Cristina Guerra Contemporary Art (Nov. 17, 2011 – Jan. 11, 2012)



**LUÍS PAULO COSTA**  
**É SOBRE UMA COISA**  
INAUGURAÇÃO 21 MAIO . 22H  
22 MAI . 24 JUN

## Da pintura como exercício

*“A picture is finished when all traces of the means used to bring about the end have disappeared”<sup>1</sup>*

Da já tradição de relação que mantemos com o trabalho de Luís Paulo Costa, seduz-nos começar por pensar na possibilidade e no grau de surpresa que um determinado número de obras, dispostas de uma certa maneira, num determinado espaço consegue ainda produzir em nós. Manifestamente, essa condição inesperada e insuspeita, deve-se, em nossa opinião, sobretudo a dois factores: por um lado a disponibilidade que revelamos em ir ao encontro (com maior ou menor grau de curiosidade) do objecto artístico e, por outro, a forma invariavelmente armadilhada e discreta como este se nos apresenta.

Falamos de pinturas, mesmo quando o seu suporte as faz aproximar de objectos que adivinhamos de outra natureza – caso dos objectos cuja configuração formal escapa à tradicional tela engradada de estrutura ortogonal, por exemplo, ou das situações em que o artista convoca outros media (como a projecção vídeo ou o dispositivo instalativo) – mas mesmo aí continuamos a falar de pinturas.

O processo de trabalho de Luís Paulo Costa inicia-se com uma prospecção no campo da imagem – literalmente, tanto nos universos tradicionais quanto nos mais actuais de produção e difusão de imagens – no momento em que a relação desta com o real é, de alguma forma, ainda intrínseca e matricial.

<sup>1</sup> REINHARDT, AD  
in “Twelve Rules for a New Academy” publicado na ARTNews em 1957, e baseado num documento escrito e lido pelo artista no 45º encontro anual do College Art Association no Detroit Institute of Art, em 26 de Janeiro de 1957.

Procura, produz e encontra imagens de carácter fotográfico e gráfico, cujas qualidades visuais sejam potenciadoras de uma reflexão ao nível da produção de pinturas. Não lhe interessam os assuntos, não lhe interessam as suas qualidades estéticas ou o rigor dos seus enquadramentos, não lhe interessam os contextos sociais, culturais, políticos, económicos que possam ter-lhes dado origem, não lhe interessa sequer a qualidade ou a nitidez de determinada tomada de vista, interessam-lhe sim as suas características plásticas (podemos dizer) na medida em que com elas, ou a partir delas, pode conceber uma pintura cuja resolução constitua, para o artista, um desafio do ponto de vista da própria prática da pintura. Luís Paulo Costa procura, portanto, nas imagens um potencial problema pictórico para depois procurar (como se de um exercício matemático se tratasse) encontrar-lhe, já no âmbito da execução da pintura, a sua melhor resolução.

Para isso, e durante o processo de construção/ concepção/ elaboração de cada pintura, o artista convoca uma série de procedimentos que passam primeiro pela manipulação da imagem original (subtraindo-lhe e alterando-lhe qualidades como a cor, o enquadramento, o formato) e, numa segunda fase, pela curiosa e surpreendente forma de pintar, repintando – a cobertura de cada detalhe da imagem impressa na tela com pequenas (ou ligeiramente maiores) pinceladas de tinta que procuram, na sua proximidade, a total verosimilhança com a matriz que lhes dá origem. Um processo simultâneo de revelação e elisão, de construção e apagamento, muito difícil de destringir mas cuja existência, quase de forma mágica, se permite simultânea e presente.

A proficiência desta demorada actividade é deslumbrante. O efeito que provoca no espectador é tanto mais intenso (na descoberta do detalhe) quanto mais o seu olho se demorar no percorrer das superfícies.

Luís Paulo Costa decidiu titular a exposição de “É sobre uma coisa” que é como quem diz “Pintado por Cima”<sup>2</sup>, uma vez que uma acção é, em termos físicos, de facto, sinónima da outra.

Mas neste caso, (e desde sempre, afirmamos nós), a coisa sobre a qual é extravasa a matéria, extravasa o objecto alvo de repinte, para ir ao encontro da própria Pintura enquanto disciplina e do verbo que deriva do substantivo – como se o pintar justificasse, por si só, a razão de ser, e a existência no mundo, de todas as pinturas.

Ana Anacleto

**LUIS PAULO COSTA** Abrantes, Portugal, 1968. Vive e trabalha em Portugal. O seu trabalho está representado em várias colecções nacionais e internacionais de renome, tais como: PLMJ (Portugal); Colecção Museu de Serralves (Portugal); Fundação Leal Rios (Portugal); Colecção António Albertino (Portugal); Colecção Bruno Spaas (Bélgica); Colecção Fred and Nancy Poses, E.U.A.; Colecção Teixeira de Freitas (Portugal); Colecção Norlinda e José Lima (Portugal). Exposições (selecção): Fundação EDP, Lisboa; Museu da Cidade, Lisboa; Museu de Serralves, Porto; Sala do Veado – Museu Nacional de História Antiga, Lisboa.

<sup>2</sup> Título da sua exposição anterior na Galeria Cristina Guerra Contemporary Art (17 Nov 2011 - 11 Jan 2012)